

**Gabriella Maria Casella, Francisco Providencia,
M^a José Santos e Rosário Marques**

***Gabriella Casella**, nasceu em Cascais em 1965 e licenciou-se em História – Variante História da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa em 1987. Em 1990 concluiu a Pós-graduação na “Scuola di Specializzazione per lo Studio ed il Restauro dei Monumenti” da Universidade “La Sapienza” de Roma, e de regresso a Portugal inicia um trabalho de recolha de técnicas tradicionais de construção de que resulta a publicação de 2 livros. Em 2005 defende a tese de Doutoramento “O Senso e o Signo – A relação com as preexistências românicas (1564–1700)”, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nos últimos anos tem colaborado em diversos projectos de museografia e arquitectura de onde se destacam o “Centro Interpretativo do Mosteiro de St^a M^a da Vitória Batalha” (2005), o Centro de Arte Contemporânea dos Açores (2008) e a Exposição permanente do Museu de Penafiel (2008).*

***Francisco Providência**, nasceu em Coimbra, em 1961 e formou-se em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 1985. Tem-se dedicado à actividade docente: Assistente de Design e Fotografia na FBAUP de 1985–1986; Desenho na FAUP de 1986–1997; Professor Auxiliar Convidado de Design, no Deca da UA 1997–2008; Professor Associado Convidado, Director de Mestrado em Design de 2008–2010 na UA. Com atelier próprio desde 1985, foi distinguido em 1999 com o Prémio Nacional de Design nas áreas da Comunicação, do Produto e do Ambiente, pelo Centro Português de Design. É consultor do Centro Português de Design.*

PROJECTO DE MUSEOGRAFIA DO MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL

Gabriella Maria Casella, Francisco Providencia, M^a José Santos e
Rosário Marques

Resumo

O Museu Municipal de Penafiel, formalmente criado em 17 de Abril de 1948, inaugurou em Março de 2009 as suas novas instalações e a nova Exposição Permanente. O tratamento museográfico dos conteúdos apresentados constitui sobretudo um exercício de adequação de suportes à natureza e exibição das peças, explorando metaforicamente a singularidade de cada espaço.

Palavras-chave: Museografia, Identidade, Comunicação

Abstract

The Penafiel Municipal Museum, formally established on 17 April 1948, was transferred for its new building on March 2009, and with the new house came a new Permanent Exhibition. The museographical handling of the items in the new permanent exhibition was first and foremost an exercise in ensuring that the stands were suited to the nature and display of the articles, where the singularity of each space has been metaphorically exploited.

Keywords: Museography, Identity, Communication

1) – História (Maria José Santos e Rosário Marques)

Com 60 anos de existência, o velho Museu Municipal de Penafiel encontra-se agora, finalmente, numa nova e definitiva casa, num edifício e com uma Exposição Permanente à altura da qualidade dos serviços que tem vindo a prestar ao público em geral, e à Cultura, ao Património e à Comunidade penafidense em particular. Desde a sua fundação, a 17 de Abril de 1948, penoso parto estritamente resultante da tenacidade de Abílio Miranda, então Director da Biblioteca Pública Municipal, que o Museu Municipal assumiu uma abrangente acção plurifuncional, não se limitando a cumprir o básico objectivo de constituir um espaço público onde pudessem ser recolhidos, salvaguardados e mostrados os objectos de interesse artístico, arqueológico e tradicional da cidade e do concelho. Partilhando o Palacete do Barão do Calvário com os serviços do Tribunal e Biblioteca aí instalados, situado na cave desta, o então *Museu de Arte, Arqueologia e Etnografia* ali se manteve durante mais de quatro décadas. O fundador, investigador local e delegado da Junta de Educação Nacional, faleceu em 1962, deixando um vasto legado de recolhas e de estudos dos testemunhos histórico-arqueológicos do concelho, reunindo um amplo espólio material e bibliográfico, bem como inúmeros artigos publicados na imprensa local com intuito de divulgar o património penafidense. Para além da sua acção directa, foi também por sua iniciativa que outros investigadores, historiadores e arqueólogos se interessaram pelo estudo do património do concelho, nomeadamente pelo Castro de Monte Mozinho, contribuindo assim para um mais profundo conhecimento e mais ampla divulgação desta e de outras estações arqueológicas, hoje internacionalmente reconhecidas.

Nos anos seguintes, o Museu Municipal de Penafiel foi conseguindo manter a sua actividade, apesar de muitas dificuldades, correspondendo esta fase a um forte empenho e esforço pessoal dos seus responsáveis e impulsionadores, nomeadamente Ângelo Pimentel e Joaquim José Mendes, ficando a sua continuidade a dever-se à determinação da então única funcionária, Maria Avelina Brandão.

Será no pós 25 de Abril, logo no Verão de 1974, que o Museu irá beneficiar da retoma das escavações arqueológicas no Castro de Monte Mozinho, então dirigidas por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que vieram trazer uma nova dinâmica à investigação do património e da história local, direccionando toda uma geração de jovens investigadores, nacionais e estrangeiros, para o território penafidense. De entre estes destaca-se Teresa Soeiro, que viria a ser Directora da Biblioteca-Museu a partir do início da década de 80 do século XX, mantendo-se no cargo até final de 2007. Em 1990, a Biblioteca-Museu transfere-se provisoriamente para um

espaço polivalente da Câmara, onde o Museu ficou instalado até 2008. A divisão das duas instituições ocorreu apenas em 1995, quando a Biblioteca Municipal se instala em edifício próprio, o renovado Palacete do Barão do Calvário.

Sob a Direcção de Teresa Soeiro, que vai centrar no território de Penafiel a sua investigação pessoal nas áreas da Arqueologia e da Etnografia, o Museu vai finalmente constituir-se como serviço municipal dotado de uma equipa técnica qualificada e paulatinamente ampliada, ligando-se à acção museológica nacional, procurando melhorar as práticas museológicas e expandindo a sua acção, esforço institucionalmente reconhecido através da integração do Museu Municipal de Penafiel na Rede Portuguesa de Museus em 18 de Maio de 2003. É ainda sob a sua Direcção que se procede a inúmeras recolhas sistemáticas pelo concelho, ampliando-se o acervo sobretudo através de doações particulares, e que se inicia o primeiro inventário sistemático da colecção, em 1993, desenvolvendo-se a par deste esforço o estudo programado das colecções, a sua publicação e a informatização do inventário, implementando-se também rotinas de preservação e manutenção das peças em termos de conservação preventiva.

Para o novo espaço de instalação do Museu Municipal a Câmara de Penafiel adquiriu em 1994 um edifício no centro histórico da cidade, um palacete setecentista onde funcionou desde finais do século XIX o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, e mais tarde o Liceu Nacional de Penafiel. O prédio sofreu um grande incêndio em 1996, ano em que foi assinado o contrato com os arquitectos Fernando e José Bernardo Távora para a concepção de um amplo projecto, que incluía a construção do Museu, do Arquivo e do Auditório Municipais, com parque de estacionamento subterrâneo. O projecto foi-se desenvolvendo durante os anos subsequentes, iniciando-se os trabalhos com a consolidação do edifício setecentista e a construção do Arquivo Municipal, inaugurado em 2003.

As obras de construção do Museu apenas tiveram início em 2005, agora com acompanhamento directo de José Bernardo Távora. A ampliação do edifício através da construção de seis novos corpos, cinco dos quais destinados a área expositiva e um novo volume destinado ao Serviço Educativo, gabinetes de trabalho e áreas de Reserva, veio finalmente concretizar a promessa de instalações definitivas e condignas, já com mais de uma década, materializando-se dia-a-dia sob o olhar atento dos penafidelenses a nova casa para este velho Museu.

Em localização de excelência, situado em pleno centro histórico e comercial da cidade e num dos edifícios mais emblemáticos para a comunidade penafidelense, o Museu Municipal beneficia agora de uma ampla área de exposição e serviços, dotada dos melhores equipamentos e instalações, que permite acolher visitantes e utentes com uma qualidade acima da média. O visitante pode desfrutar neste

espaço museológico das cinco salas temáticas da Exposição Permanente, dedicadas à Identidade, ao Território, à Arqueologia, aos Ofícios e à Terra e Água, onde se privilegiou um discurso expositivo claro e moderno, apoiado em diferentes níveis de informação destinados a diversos públicos, e com recurso a numerosos e inovadores suportes multimédia, onde a interacção, a pedagogia e o divertimento são a linha de força. O visitante pode também fruir da sala de Exposições Temporárias, cuja mostra inaugural foi comissariada por José Bernardo Távora e integralmente dedicada ao projecto de arquitectura do Museu. Os utentes podem ainda utilizar os espaços destinados ao Serviço Educativo, Posto de Turismo e Loja do Museu, Centro de Documentação, Sector da Cultura, Serviço de Gestão do Património Cultural e Associação dos Amigos do Museu.

Ao longo das galerias que envolvem os espaços expositivos, o visitante é ainda convidado a descobrir outros espaços, outros recantos, outros ambientes, outros caminhos, interiores e exteriores ao Museu, embrenhando-se no coração do centro histórico. Estas duas realidades, Museu e Cidade, agora umbilicalmente unidas, estão aqui ao alcance de um olhar, numa pausa mais atenta sobre velhos quintais e quelhos murados.

2) – Museografia (Gabriella Casella e Francisco Providência)

Projectar significa procurar uma espécie de independência nos diferentes condicionamentos até encontrar um campo de liberdade que inclua as respostas a todos esses condicionamentos.

Álvaro Siza In Electa CGAC, C.M. Matosinhos

Desde a sua origem o Museu foi identificado como lugar de inspiração, de aprendizagem e de maravilha, pense-se no que terá sido o Museu ptolemaico construído junto à grande Biblioteca de Alexandria que sempre quis ser reencontrado, reinventado pelas *Gallerie d'Arte renascentistas*, nas *Kunst-Wunderkammer* seis e setecentistas, nos *Musées* napoleónicos ... Como se fossem sempre uma mesma metáfora sobre a imortalidade humana. É talvez por esta carga simbólica tão forte que em qualquer idioma ocidental observamos a inalterabilidade do seu radical linguístico de origem grega: *Mouseion* - templo das musas.

Mesmo com as substanciais mutações que sofreu, o museu actual alimenta ainda expectativas difusas. Quem entra num museu hoje deseja em primeiro lugar ver, aprender, comungar ou mesmo entrar “num acelerador de partículas” (KERCKHOVE 2002).

Conscientes de que o museu consiste num “*instrumento maiêutico, de conhecimento crítico, que não guie a um doutrinamento dogmático mas que dê matéria de reflexão e seja ocasião para um juízo livre, espontâneo, talvez*

contestatário e amadurecido através da relação directa com os documentos originais da evolução da vida, da natureza, da sociedade, da cultura, do homem” (RUSSOLI, F. 1999), ele é antes de mais um objecto complexo porque é o lugar em que se procura controlar a relação entre tempo (seja este passado ou presente) e espaço (como lugar onde habitam objectos, imagens, palavras, sons).

Actualmente é opinião unânime que cada museu tem uma identidade própria, constituída de maneira indissociável tanto pelos objectos que contém como pelo modo como são expostos. Isto significa que a essência de um museu não se limita ao seu espólio, mas estende-se inevitavelmente à escolha dos conteúdos e à modalidade em que estes são exibidos. O museu contemporâneo é participante do processo de patrimonialização da cultura através da forma como a preserva, a investiga e a partilha com a comunidade.

Assim a museografia como disciplina através da qual se constrói o discurso expositivo, elege o público como eixo central da comunicação. O público não é um simples visitante ou intruso mas é chamado a participar, a imaginar, a sentir e a interagir.

O programa geral de intenções seguiu os seguintes princípios:

1. Adequar a exposição ao espaço físico e sequencial do edifício preexistente, sem comprometer o seu futuro;
2. Criar estruturas expositoras singulares e adequadas a cada tema (metáfora), proporcionando ao visitante ritmo e surpresa na descoberta de cada novo tema;
3. Tratar cada objecto ou documento salvaguardando a sua protecção, conservação, iluminação, contextualização, manutenção, demonstração, didáctica, etc.;
4. Considerar na museografia o maior número possível de extractos de informação, adequando-a ao maior número de públicos, classes etárias e padrões de cultura;
5. Tratar os documentos como um todo dramaticamente encenado, (explorando maximamente os recurso técnicos da luz, som, modelação, filme, desenho), mas promovendo sempre uma relação de interacção com o visitante, através da experiência (olfactiva, táctil, visual, auditiva);
6. Recorrer maximamente à oferta tecnológica para a valorização da experiência de conhecimento: monitores vídeo com imagem animada ou filmes documentais, dispositivos interactivos de manipulação, modelação de peças tridimensionais, mas dando preferência a soluções mais simples, robustas e consequentemente com menos manutenção;
7. Facultar uma experiência que não se esgote na primeira visita, deixando no visitante o desejo de a complementar no futuro;

Sendo o exercício de mostrar, antes de mais, um exercício de ocultar, para despertar no visitante a curiosidade e o interesse que o motivem a ver, a ler e a procurar, os

suportes da sua revelação têm um importante papel retórico, excluindo-se qualquer programa de neutralidade. Não podendo ser ignorados, os suportes deverão ser exaltados, já que as suas formas são ideias _ sínteses dirigidas à resolução técnica de um certo problema.

O património universal das formas, hoje fundado numas tantas tipologias “anónimas”, agrupadas em meia dúzia de arquétipos, encerra uma certa autonomia cultural. Os critérios na escolha do sistema morfológico a adoptar, estão por vezes acima das determinações técnicas ou funcionais, atendendo a outros argumentos de natureza metafísica: metafórica e simbólica. Nesse sentido, o desenho de uma exposição pode ser entendido como coisa moral, não só pelo modo como atende a cada utente, incluindo-o, mas pela ordem e ideias que as suas formas evocam. Não se trata de ornamentar os documentos encaixilhando-os, mas de comunicar ideias que são possibilidades de relação. O esforço de design não é apenas assegurar o conforto ergonómico mas, para além disso, interpretar e traduzir os conteúdos em formas. Formas que inevitavelmente terão de ser negociadas com todos os outros elementos da equipa.

O acervo do Museu Municipal de Penafiel, caracterizado pela heterogeneidade das colecções e pela diacronia temporal, tornou-se num desafio aliciante para a construção do percurso expositivo. Dar sentido à multiplicidade de sentidos. A presença de uma arquitectura resolvida e serena fez com que a concepção do *layout* expositivo demonstrasse o máximo respeito pelo traçado arquitectónico existente, de modo a permitir uma clara leitura da forma (arquitectura do espaço) como suporte do conteúdo (exposição).

Neste sentido o tratamento museográfico dos conteúdos a apresentar na nova exposição permanente do MMP, constituiu sobretudo um exercício de adequação de suportes à natureza e exibição das peças, explorando metaforicamente a singularidade de cada espaço e procurando tanto quanto possível não comprometer a arquitectura com soluções expositivas definitivas.

Este exercício museográfico levantou problemas muito distintos, que vão desde aqueles que se reportam à enorme variação da escala dos objectos do acervo, como à desmedida variação material desses documentos, ou ainda ao desequilibrado número de espécies por época, podendo distorcer a percepção do conjunto. A exibição de certos objectos exigiu a criação de meios complementares de estrutura, a fim de poder repor o seu ambiente cénico natural. Em cada espaço temático poderemos eleger o seu objecto metáfora, aquele que lhe empresta significado, assim “contaminando” o respectivo argumento museológico.

O resultado implicou a montagem de cinco ambientes, unidos por uma história comum ao longo do tempo. Esses cinco espaços temáticos configuram igualmente

cinco pontos de vista sobre o território e a comunidade que o ocupa ao longo de milhares de anos.

Memória e construção de identidade

Na primeira sala, marcada pela presença da palavra, através de transcrições de documentos antigos ligados à história de Penafiel, tudo gira em torno de uma caixa central que protege e mostra a mítica colcha que se via pender da varanda da Câmara na passagem da procissão do Corpo de Deus, em representação do poder local.

Esta estrutura serve igualmente de apoio a peças que são apresentadas de forma exclusiva, evidenciando-se através da iluminação e encenação, o forte significado que representam para a identidade local.

Em surdina ouvem-se os nomes dos finados e seus herdeiros, fundadores da terra desde os primórdios sinais da escrita, de que há memória. Nomes que parecem romanos, árabes ou castelhanos, nomes ainda hoje lembrados nos lugares, e que são o húmus cultural de Penafiel, força centrípeta com que orbitam os mais diversos objectos de culto, desde o S. Jorge cavaleiro ao *santo* Padre Américo.

Uma máquina biónica para espreitar o território

Na segunda sala, é o dispositivo de espreitar, designado por olhómetro, que ocupa todo o espaço como um símbolo. Se ver é já compreender — como escreveu Alberto Caeiro —, então este espaço é dedicado à visão, à visão aérea sobre o território em *vol d'oiseau*.

Este é o tema da *geo-metria*, e da *geo-logia*, ou da *geo-grafia*; uma Terra vista de cima em voos planados ou dando saltos no horizonte dos longínquos limites geodésicos.

Escavar para compreender a origem da nossa cultura

Da superfície do território, passamos para camadas mais profundas, onde se desenterra a vida e a morte dos que nos precederam. A própria experiência da arqueologia científica é aqui apresentada pela experiência lúdica de descobrir. Descobrir é desvelar, expor à luz para compreender. Em torno da reconstituição de uma estação arqueológica visitável por vitrina de pavimento, assistimos à aceleração do tempo desde os primeiros exemplos de arte megalítica até às portas da Idade Média, passando pela idade do bronze, pela cultura castreja e pela romanização.

A tecnologia artesanal elevada à condição de arte

O elogio dos ofícios é consequência directa do renascimento técnico depois do

desmantelamento da ordem romana. Esta é uma mostra, encerrada em grandes caixas de vidro, transporta-nos para o tempo dos artífices, mestres de uma tecnicidade tradicional de quem com quase nada, fazia quase tudo o que temos hoje. Os ofícios estão aqui estruturados pelos seus dois grandes domínios materiais: a madeira e o ferro e assim os seus agentes, instrumentos e produtos, apresentados na celebração do Corpo (transformador) de Deus e nas Feiras da sua comercialização. Da colecção de candeias em ferro à tradição no fabrico de calçado em madeira, inúmeros objectos marcam de modo comovente a riqueza genuína desta comunidade.

Sobrevivência ecológica de uma comunidade à beira rio

Finalmente o epílogo da última sala da exposição permanente. Neste espaço, preserva-se a vida rural no seu estado mais puro, como a encontramos conservada às portas do séc. XXI. É a reconstrução de um sistema ecológico perfeito, resultado de esforços milenários de sobreviventes em condições limite desde o tempo em que se inventou fogo.

Entramos na sala pela evocação do linho, complexa tecnologia têxtil que oferece a delicada protecção dos corpos magros que, neste tempo, não paravam de trabalhar. O ciclo do linho mostra o ciclo da produção rural que, em simbiose com a água, semeia a vida mantendo famílias no conforto de cozinhas aquecidas onde se produz a alquímica broa e se saboreia o caldo quente sob o fumeiro dos enchidos. O objecto metáfora desta sala é a água: a água que justifica a invenção dos valboeiros e da barca de passagem; a mesma água que faz mover o moinho sazonal e dá regadio ao cultivo dos cereais.

A plataforma desnivelada que se ergue no centro da sala, oferece novos pontos de vista sobre os objectos, ajudando a valorizar o que ainda resta desta cultura antiga, desmantelada num tempo em que ganhamos a liberdade de dependermos submissos dos supermercados.

Referências

Soeiro, Teresa (1994) “Um Museu Municipal para Penafiel (1884-1974)”, *Portugália*, Nova Série, Vol. XV, pp. 83-134. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Soeiro, Teresa (2007) “Novas instalações para um velho museu”, *Museologia.pt*, ano I, n.º 1, pp. 176-181. Instituto dos Museus e da Conservação.

Távora, Fernando e José Bernardo (2007) “Presença e identidade de novos lugares”, *Museologia.pt*, ano I, n.º 1, pp. 182-185. Instituto dos Museus e da Conservação, Maio 2007